

---

## NA URDIDURA DAS NARRATIVAS COM BARRAGEIROS: AS TRAMAS FORMADAS PELA PSICOSSOCIOLOGIA E A HERMENÊUTICA

Daniele Almeida Duarte  
Cristina Amélia Luzio

### **Resumo:**

Ao partir de um tripé teórico-metodológico constituído nas intersecções da psicossociologia, da narrativa e da hermenêutica, busca-se debater os conceitos norteadores que forneceram os fios teórico-conceituais para a tessitura do desenho de pesquisa que referenciou o trabalho de campo realizado com narrativas de barrageiros. Com a entrevista-narrativa, como técnica para a produção de narrativas, e a psicossociologia em diálogo com fundamentos da hermenêutica, foi possível conferir meios para que houvesse um redimensionamento da relação pesquisador-pesquisado e fundamentos para a transdisciplinaridade – o que permitiu promover tramas coesas para a produção do conhecimento científico acerca do objeto de estudo em cena. Reconhece-se que essa combinação profícua possibilita apreender a existência singular e coletiva do fenômeno, sem dispensar a subjetividade dos sujeitos que vivem essas histórias narradas em uma conjuntura. Contudo, por conter elementos novadios, convida outros pesquisadores a explorar o espectro que esse tripé comporta.

### **Palavras-chave:**

Narrativa, Barrageiro, Psicossociologia, Hermenêutica.

### **Abstract:**

*Starting from a theoretical and methodological tripod formed through the intersections of psychosociology, narrative and hermeneutics, we seek to debate the main concepts that have provided the theoretical and conceptual threads for the outlining of the research that based the field work composed from dam builders narratives. Owing to the narrative-interview, as a technique for the production of discourses, and the psychosociology in dialogue with basics of hermeneutics, it was possible to provide ways to resize the researcher-researched relationship and principles of transdisciplinarity – which allowed cohesive accounts for the production of scientific knowledge about the present object of study. This profitable combination admittedly enables the apprehension of the particularities of this singular and collective phenomenon, without dispensing the subjectivity of these workers who live these stories narrated in a conjuncture. However, as it contains new elements, this field invites other researchers to explore the broad spectrum that this tripod holds.*

### **Key words:**

*Narrative, Dam builder, Psychosociology, Hermeneutics.*

---

Professora Adjunta do departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM – Maringá-PR). Doutora em Psicologia e Sociedade, na linha Subjetividade e Saúde Coletiva, da Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP – Assis-SP). E-mail: daduarte@uem.br

Livre Docente em Saúde Mental e Saúde Coletiva e professora do programa de pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP – Assis-SP). E-mail: caluzio@assis.unesp.br

*ATENÇÃO: DEGRAUS!*

*O trabalho em uma boa prosa tem três graus: um musical, em que ela é composta, um arquitetônico, em que ela é construída, e, enfim, um têxtil, em que ela é tecida. (BENJAMIN: 2011, 24).*

## **1. Situando o campo de pesquisa: as tramas do conhecimento científico**

Este texto assenta-se em um diálogo profícuo entre a hermenêutica e as ciências humanas, especificamente, com o campo da psicologia. Através de um tripé teórico-metodológico fundamentado nas intersecções da psicossociologia francesa, da narrativa e da hermenêutica filosófica abordaremos o desenho da pesquisa em seus aspectos teórico-conceituais a fim de discutir os elementos do estudo que antecederam o campo empírico.

Esse tripé foi uma via longa que propiciou o suporte teórico-conceitual necessário para trabalhar com o tema de pesquisa que tenciona compreender as relações entre trabalho e família a partir da narrativa de trabalhadores migrantes do setor de produção de energia hidrelétrica – também conhecido como barrageiros. Este termo faz alusão à especificidade da atividade profissional que envolve, direta e indiretamente, a construção de barragens que servem para formar o reservatório de água necessário para a produção de energia elétrica.

É importante explicitar que nessa categoria profissional vislumbramos os desdobramentos da migração laboral, recorrente no exercício dessa profissão, que ultrapassa a visão do dentro e fora do trabalho, o que gera efeitos diversos para aqueles que migram e aos que permanecem em seus territórios.

Ao visualizar esse tema, em outros estudos, podemos atentar para a diversidade narrativa que remete às experiências de trabalhadores e familiares de barrageiros que, em suas histórias de vida, vivenciaram distintas temporalidades, espaços e relações referentes aos diferentes lugares de moradia atual, que por sua vez, remetem ao passado e se projetam em um futuro; o trabalho que se teve, o que é vivido e aquele desejado; as interações familiares com as instituições, seus vínculos e desenlaces; a dinâmica da (des)(re)construção de um lar e com a comunidade afetiva e laboral; os conflitos, anseios, desejos, (im)possibilidades etc. (DUARTE: 2010, 2014).

Nesse cenário, trabalho e família dos barrageiros eram inseparavelmente as âncoras que serviam para nortear e se perder. Fixar-se e mover-se. Fontes de angústia e de realizações. Ganhos e perdas. Sobre os (des)encontros trabalho-família vividos nessa categoria profissional, constatamos que o tema família persistia de modo recorrente em suas falas, sendo motivo de inquietação, angústia, afetos e desafetos. O trabalho ora os aproximava ora os distanciava em termos geográficos e afetivos. Não eram apenas quilômetros que estavam em jogo, mas a oposição e o paradoxo vividos em duas grandes referências para suas vidas: o trabalho e a família. Essa tensão se fazia ainda mais expressiva por reiterar a do conflito trabalho *versus* capital. Isto é, tratava-se de um contexto de trabalho que embora propiciasse a ampliação da rede de contatos, limitava igualmente o aprofundamento dessa confiança informal, pois a rotatividade de empresas, pessoas e a curta permanência no local tornavam-se empecilhos para o seu favorecimento. Essa dimensão também se desdobrava sobre seus locais de origem, de comunidade e de familiares – o que muitas vezes tiveram seus laços cortados e vínculos fragilizados (DUARTE: 2010; 2014).

Situado de modo mais claro a singularidade desse tema, podemos avançar e ponderar sobre o arcabouço que norteou o trabalho empírico e, assim, localizarmos as bases dessa produção científica assentada no tripé psicossociologia-narrativa-hermenêutica.

Ao considerarmos que o conhecimento e o que se quer conhecer não estão originalmente rotulados dentro de campos teóricos circunscritos ou competências disciplinares exclusivas, verificamos que o objeto não reconhece fronteiras entre disciplinas. Isso anuncia que tais circunscrições engendraram uma arbitrariedade que criou inúmeros especialismos desvinculados (SANTOS: 2006). De modo similar, o texto não está descolado da biografia de seu autor. Nessa perspectiva originária, acreditamos que, juntas, a psicossociologia, a narrativa e a hermenêutica dariam conta desse intento ao conjugarem saberes fundados no diálogo entre distintos campos teórico-conceituais – afins com a transdisciplinaridade.

Nesse prisma, verificamos a transversalidade da história na conjugação da psicossociologia, da narrativa e da hermenêutica do seguinte modo: (i) no paradigma

emergente <sup>1</sup> da ciência, exposto por Santos (2006), cuja pertinência figura como quesito fundamental na produção do conhecimento científico; (ii) na psicossociologia enquanto eixo teórico plural, em diálogo constante e na concepção de sujeito social; (iii) na narrativa através de suas expressões ontológicas e da experiência do tempo; (iv) e nos princípios hermenêuticos que auxiliam a interpretação do caminho e o caminho da interpretação, amparando a produção do conhecimento científico nessa urdidura a vários fios. Nesses termos, a transdisciplinaridade do objeto de estudo faz-se na historicidade e no diálogo. Essa combinação é o que nos possibilita conhecer a existência singular e coletiva do nosso objeto, sem dispensar a subjetividade dos sujeitos que vivem essas histórias narradas em uma dimensão conjuntural.

## **2. Nos fios da hermenêutica: a entrevista-narrativa como técnica para a produção de narrativas**

No âmbito da etnossociologia, Bertaux (2010) traz importantes contribuições acerca do processo de produção das narrativas, o qual requer o cuidado por parte dos pesquisadores para com os sujeitos da pesquisa e exige referências teóricas precisas para operá-los. O referido autor balizou esse caminho ao fornecer recursos conceituais para a coleta de dados através da técnica das entrevistas-narrativas, cujo material colhido é interpretado à luz do mencionado tripé teórico-metodológico.

A entrevista-narrativa é uma modalidade de coleta da narrativa que se faz através de um modo particular de entrevista. No encontro, o pesquisador faz uma pergunta disparadora a fim de dar início ao processo narrativo que consiste em solicitar, ao pesquisado, o contar de sua experiência vivida a partir de um tema. Implica oportunizar um espaço e uma relação na qual o participante possa falar da forma que quiser sobre a sua história de maneira que ocupe o lugar discursivo e protagonize o ato narrativo com sua vida e seu saber.

---

<sup>1</sup> Segundo Santos (2006), a ciência vivencia um momento em que há dois paradigmas vigentes: o dominante e o emergente. Estes paradigmas denotam um campo transicional em que se defrontam forças opositoras no modo de compreender e produzir conhecimento. Para expor esse cenário, o autor apresenta as bases do paradigma emergente – contrapondo o dominante (racionalidade positivista oriunda das ciências naturais clássicas) – desenvolvidas em torno de quatro assertivas: conhecimento científico-natural é científico-social; conhecimento é local e total; conhecimento é autoconhecimento; conhecimento científico visa constituir-se em senso comum. Nessa explanação demonstra como o conhecimento do paradigma emergente tende a ser não dualista tampouco restrito a rígidas fronteiras disciplinares.

Bertaux (2010, p. 11) especifica que no método narrativo, o que ele possui de atrativo, é o caráter nitidamente humano dos materiais recolhidos (“documentos humanos”). Nele há uma vivacidade e dinamicidade histórica, porque no momento de coleta seu conteúdo está *in vivo*. Trata-se da ação em seu curso, inscrita em uma duração.

O que isso conferiria? Podermos avistar, na horizontalidade da relação estabelecida entre pesquisador-pesquisado, um olhar proporcionado pelo narrador (o pesquisado) de dentro de seu horizonte, como nos aponta Barros e Silva (2010) ao utilizarem – no campo da psicossociologia – o recurso da história de vida.

Ao recolhermos uma história de vida, o lugar central é o do sujeito que se conta; é ele que fornece a matéria primeira sobre a qual trabalharemos. Encontra-se aí uma grande riqueza, pois certos acontecimentos só nos são compreensíveis se vistos de seu interior, se conseguimos apreendê-los por intermédio dos sujeitos que deles participam, ou seja, *encarnados em uma experiência individual* (Lévi-Strauss, 1991) (BARROS, SILVA: 2010, p. 137. Itálicos do autor).

A história de vida que a narrativa contém é uma produção de conhecimento calcada no discurso do sujeito acerca de sua situação concreta de vida. Constrói-se na experiência cotidiana e na interlocução (BARROS, SILVA: 2010). O encontro dessa matéria-prima, isto é, da narrativa vinda ao mundo como histórias (ainda) não narradas ou mesmo histórias renarradas, constitui-se na relação entre interlocutores: pesquisador e pesquisado (RICOEUR: 2010; 2008b).

Ademais, a entrevista-narrativa em si é um recurso fecundo por possibilitar registrar o vivido através do discurso falado. Por meio da linguagem adentramos no campo da subjetividade, dos afetos, das minúcias e grandezas que compõem o cotidiano. Podemos visualizar as posições e os lugares que o sujeito (real e encarnado) ocupa no âmbito social. É a porta de entrada para as “condutas linguísticas” que as pessoas efetivam (MACHADO et al.: 2001, p. 9). Colocamo-nos, enquanto pesquisadores, próximos à voz (do corpo e da linguagem) em uma postura de disponibilidade e interesse por escutar o sujeito que nos confia a palavra e parte de sua vida.

O protagonista do diálogo, o narrador (pesquisado), é quem trará à tona sua verdade por meio da narrativa. Com a escuta e o olhar ampliado da clínica, na vertente da psicossociologia, trabalha-se com a enunciação do sujeito que assume o estatuto de

verdade, uma vez que na narrativa encontramos aquilo que assumiu significância para a existência do sujeito.

Castro (1998) afirma que o que importa para a interpretação, como verdadeiro, é o caminho que possibilita ir em direção à ideia expressa. Sendo a interpretação do caminho inseparável do caminho da interpretação avistamos o meio de chegar a essa verdade, um real sensível que, pelo trabalho da compreensão e interpretação proposto, chega ao inteligível. O autor acresce: “É descobrir no significativo sensível o significado inteligível, no literal, o simbólico, no denotativo, o conotativo” (CASTRO: 1998, p. 5-6).

No ato narrativo opera-se um exercício de raciocínio, da memória e dos afetos para modular o conteúdo vivencial, por isso o cuidado de promover um espaço em que a singularidade do narrador possa cadenciar seu próprio discurso. Ele é quem ditará o compasso da fala, quem ordenará a seu modo, desejo e possibilidades o conteúdo narrativo. Entrementes, evocar o passado é apropriar-se de uma lembrança, uma reminiscência, uma “imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido” (BENJAMIN: 1994, p. 224). Para nós isso é importante circunstanciar, pois diz respeito tanto ao âmbito epistêmico assumido quanto ao estatuto de verdade do material empírico colhido da fala dos participantes nas entrevistas-narrativas e por nós tratado.

Para melhor compreender essa posição, de modo breve, explanaremos a perspectiva clínica que mencionamos.

A psicossociologia vincula-se ao olhar e a escuta clínica. Por clínica<sup>2</sup> se entende/estende a busca de sentido, ultrapassando a tradicional compreensão da relação entre médico e paciente na procura por sintomas e doenças para que se possa averiguar a conjugação dos processos de subjetivação e do social. Para além do sofrimento, ela

---

<sup>2</sup> O termo clínica advém do grego *klínikós, ê, ón*, relativo ao leito, e também de *klínó*, inclinar-se, deitar-se. Na proposição psicossociológica busca-se estender a compreensão de leito ao situar o pesquisador/intérprete como um “clínico em ciências humanas” que, segundo Sévigny (2001, p. 15), coloca-se “junto ao leito”. Nessa visão, o leito aqui entendido é amplo e possui dimensão social, sendo os grupos, as organizações, as instituições e as comunidades às quais o sujeito se vincula. Por sua vez, também encontramos uma derivação de clínica que diz do estar junto como compadecer do sofrimento do outro e de suas alegrias. É entrar em contato com o seu mundo e sua verdade. É relacionar-se com o outro. Essa afirmativa se abre para a terminologia que nos traz maior contribuição ao se reportar a *clinos* como *clinâmem*, isto é, como ato que diverge e bifurca, podendo horizontalizar lugares e saberes – produzindo encontros – inclusive com o sujeito participante da pesquisa e com conhecimentos advindos de outros campos disciplinares (DUARTE: 2014).

indaga sobre o sujeito e o social, articula o registro psíquico e societário. Visa conhecer os sentidos atribuídos pelo sujeito ao real, seus processos criativos e suas possibilidades de agir e resistir.

Nessa perspectiva de clínica opera-se um desvio da égide verticalizada de saber e verdade na clássica concepção de ciência. Para romper esse vértice distanciador que se perfaz na posição vertical instaurada entre terapeuta-paciente, pesquisador-pesquisado, intérprete-interpretado é necessário fazer um deslocamento, cuja inclinação se faz não mais de cima para baixo ou vice-versa, mas para os lados. Nessa disposição o lugar do pesquisador e do pesquisado pode ser redimensionado a fim de garantir um encontro horizontalizado no campo científico, e para além dele, ao se deparar com o ator social dotado de subjetividade e conhecimento.

Em síntese, ao nos referenciarmos a clínica como *clinâmen*, podemos nos compreender e compreender o outro por meio de uma concepção de ciência cuja verdade está ligada à experiência individual e coletiva e não a uma objetividade externa, universal e distanciada. Não obstante, procuramos o sujeito e o sentido em sua própria história narrada. A clínica, vista por esse viés, tem redefinida a sua abrangência ao captar, de modo articulado, os fenômenos sociais e subjetivos que tanto almeja a psicossociologia. Uma horizontalidade que permite uma fusão de horizontes (no prisma gadameriano) e não cortes ou sobreposições de visão de mundo e suas verdades.

Com a narrativa respaldada pela hermenêutica conseguimos enredar um anteparo psicossociológico que permite avistar e ser avistado por este outro – os narradores que estão desvelando a si mesmos enquanto revelam um grupo social e histórico, atrelado a uma categoria sócio-profissional. Uma escuta e um olhar atentos à diversidade e adversidade a serem descobertos em seus sentidos e significados, bem como reinventados. Para tanto, foi necessário complexificar a nossa composição teórico-metodológica em um tripé para serem abertos caminhos de ressignificações – tal como a saúde mental coletiva nos convida com sua discussão ampliada de clínica e com a própria psicossociologia ao ensejar o redefinir da noção de clínica no campo das ciências humanas.

O ato narrativo, como meio de enriquecer a experiência e acalantar as reminiscências, fortalece-se mediante um compasso temporal singular. Na cadência narrativa podemos verificar a explosão do *continuum* da história e da linearidade

temporal para ceder a uma temporalidade que seja significativa ao narrador. Isto é, encontrar nela o triplo presente que habitamos. Conforme Ricoeur (2010, p. 93), o tempo torna-se tempo humano através da narratividade: “o tempo torna-se humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal”. Essas são as evidências do memorável, porque não se referem a um tempo vazio e homogêneo, mas a um movimento de retorno a um tempo de “agoras” estabelecidos e a se estabelecer.

Partindo disso a narração expressa um teor insurgente quando emerge dela a voz e a linguagem de um sujeito de conhecimento histórico, carregado de “agoras” que constituem sua existência.

Perante isso, importa-nos encontrar nas narrativas de vida dos participantes dessa pesquisa quais saberes, através da experiência de vida acumulada, são comunicáveis. Quais são as histórias exemplares e seus paradigmas existenciais que conjugam o singular e o coletivo, como nelas figuram o individual e o social, os (des)encontros entre trabalho e família no contexto dos barrageiros.

Nesse exposto, nosso tripé teórico-metodológico trouxe importantes contribuições para chegarmos à concepção de narrativa a se operacionalizar na metodologia dessa pesquisa. Ele conferiu os subsídios para o movimento que almejamos realizar ao longo de todo o estudo, a saber: o movimento macro-micro social; o dentro-fora; o objetivo-subjetivo; o individual-coletivo – categorias não dicotomizadas, mas fundadas reciprocamente umas as outras.

Ao biografar aspectos do vivido por meio das narrativas de vida, intentamos conhecer o que acontece, como e por que. Na matéria narrada [busca-se] encontrar as narrativas das diversidades e as diversidades das narrativas. Aprender sua dinamicidade, processos recorrentes, semelhantes, distintos e contraditórios que se constituem no contexto profissional dos barrageiros e de seus grupos familiares.

Os elementos biográficos da narrativa possibilitam explorar, conhecer e desvelar a vida cotidiana, (extra)ordinária e (in)comum que constituem a existência. Aproximar-se dessa concepção é conferir outro estatuto ao conhecimento científico: legitimidade do saber implicado, delineado em uma perspectiva ética e social, que se alimenta também da fonte de saber do senso comum.



Assim sendo, a narrativa comporta dupla reflexividade. Reflete o vivido, refratando-o, mas também o pensa, interrogando-o. Para si mesmo e para o outro. Narrar traz impresso um cunho (auto)biográfico. Revive e revisita a história vivida.

Ricoeur (2010), ao retomar as inconciliáveis teses de Aristóteles e Agostinho, explora uma aporia sobre a o fenômeno da temporalidade e desenvolve a proposição de que a narrativa é capaz de esboçar os traços da experiência humana do tempo. Isso nos leva a explorar de modo mais aprofundado, através dos fundamentos da psicossociologia, da narrativa e da hermenêutica a historicidade da experiência humana e seus processos de subjetivação.

A potência do fazer narrativo é ressignificar o mundo em termos de dimensão temporal e da ação. Uma ressignificação não apenas individual, mas coletiva. Como aponta Gagnebin (2006), ao suscitar o resgate da memória e situar os perigos de seu apagamento intencional e perverso, é imprescindível o trabalho do historiador (que acrescentamos aqui o do pesquisador de outras áreas) ao transmitir em seu labor o inenarrável, acalentar as reminiscências e conservar o passado para que possam ser tecidas outras produções existenciais no presente e no futuro – de preferência, emancipadoras.

Com essas constatações podemos revigorar a memória, a lembrança do vivido e a história por intermédio da narrativa que se, de um lado, comporta método e técnica de pesquisa, de outro, expressa seu caráter ontológico. Através da relação privilegiadora que estabelece com a linguagem, possibilita a palavra tornar-se compartilhada ao provocar o dizer sobre algo e dispor uma escuta. Promove o (re)despertar da vida para quem a profere, a escuta ou a lê. Guérin (1995, p. 16) nos chama a atenção para isso:

O paradoxo deste *esquecimento na memória*, que, sem dúvida, já estamos vivendo, é que fabrica sem descanso uma reminiscência vasta e fina, à qual falta apenas a palavra. Tantos dados fazem do passado presentes adormecidos: que presença os animará?

Nesse sentido, averiguamos com Ricoeur (2008b) a narrativa enquanto reveladora da condição humana, um enredo capaz de explicitar a felicitação e infelicitação do ser social. O sentido e o significado da existência tornam-se abertos a inovações por meio do narrar e renarrar do vivido. Nesse ínterim, comunicar as experiências de trabalho e família no cenário dos barrageiros, mediante a narrativa, é

despertar o exame da realidade política-social, histórica e econômica sem dispensar o exame de si mesmo, do homem enredado em histórias. Trata-se da vida que compreendemos por meio das histórias que recontamos. Isso implica resgatar a comunicabilidade capaz de promover a mediação entre o homem e o homem, entre o homem e ele mesmo, em suma, gerar autoconhecimento.

A partir do trabalho de configuração e reconfiguração dos sentidos da vida mediante a ação interpretativa, seja o narrador seja o pesquisador – ao terem um diálogo aberto através da técnica da entrevista-narrativa que dispara a constituição do ato narrativo – são convocadas as lembranças e as memórias do vivido que permitem emergir a riqueza da interpretação e reinterpretção da existência por meio do retorno ao passado a partir do presente, do qual, se projeta um futuro. É avistar os afetos, o pensar e o agir da trama vivida, da história narrada que confere unidade à história de uma vida, no caso, a história de barrageiros e seus familiares no cenário brasileiro.

Por conseguinte, em *Tempo e Narrativa* (RICOEUR: 2010), como assinala Villela-Petit (2007), pondera-se sobre o tempo humano, o qual constitui a dimensão na qual nos vemos e nos sentimos. Onde se delineia o tempo do agir, do afetar e ser afetado. Estas experiências vividas no tempo só podem ser ditas na forma narrativa. Lembrando que a experiência do mundo remete à linguagem e compreender é um modo do ser. O modo do ser que existe compreendendo e narrando (GADAMER: 2012; RICOEUR: 2008a).

### **3. Nas urdiduras da narrativa e da hermenêutica: a psicossociologia**

O que cogitamos com o encontro entre saberes? Em sua capacidade dialógica, tal como uma rede a se formar através do trabalho de enleamento, nós buscamos palavras, conceitos, ideias e tecemos um a um para formar uma trama a ser composta com distintos fios de matizes e espessuras diversas de modo que possamos reconhecer suas aberturas, suas diferenças e seus aspectos intermináveis – posto que esta urdidura não se fecha em si mesma e nem se esgota em suas pretensões.

Trama essa que possibilita o exercício interpretativo daquilo que ela pôde amarrar (aquilo que ela foi capaz de conter, dispor e integrar em um dado momento). Esclarecemos que não se ignoram as especificidades e contextos dos fios que

constituem esse enredo, mas se propõe um encontro entrelaçado para recepcionar algo que se pretende apreender. Entendemos que essa trama está sempre a ser tecida. Em várias mãos. Em distintas temporalidades, espaços e relações.

Construir um trabalho científico onde as distintas linguagens componham juntas a compreensão/interpretação de algo cabe a qualquer pesquisador e ator social capaz de reconhecer as insuficiências do saber que mitigam tanto o conhecimento quanto o diálogo. Precisamos reunir a linguagem do trabalhador, do familiar, do pesquisador e de saberes distintos que, em concerto, venham nos dizer sobre o objeto de pesquisa. Conjugá-las em suas confluências é um trabalho que a narrativa e a hermenêutica sinalizam rumos com o anteparo da psicossociologia.

Verificamos essa promissora vinculação entre hermenêutica e narrativa, quando remontamos à etimologia de narrativa e encontramos que narrar é fazer conhecer, como situa Castro (1998). E a hermenêutica ricoeuriana, por sua vez, é um caminho que busca conhecer o que se conhece, logo, conhecer-se também. A hermenêutica possui uma relação seminal com a linguagem. Isso quer dizer que ela contém uma questão ontológica fundamental posto que compreender ultrapassa o fato de conhecer, sendo primeiramente uma maneira de ser, de relacionar-se com o ser e o mundo (RICOEUR: 2008a).

Um diálogo promissor com a psicossociologia se instaura ao identificarmos o caráter plural, transdisciplinar e interprofissional que compõe seu campo teórico-conceitual<sup>3</sup>. Por essa característica, ela também é conhecida como disciplina de fronteira, inscrita não somente no campo da psicologia e da sociologia, mas também integrativa de áreas afins que possibilitem, de modo conjunto, analisar o sujeito e suas práticas sociais em conjuntura (ARAÚJO, CARRETEIRO: 2001).

A psicossociologia, próxima da sociologia clínica<sup>4</sup> e vinculada à psicologia social, é um corpo teórico relativamente recente. Elementos que consubstanciaram suas

---

<sup>3</sup> Encontramos isso desde os seus criadores ao fundarem a ARIP (Association pour la Recherche et l'Intervention Psychosociologique) que reuniu profissionais e pesquisadores da psicanálise, sociologia, história, direito, antropologia, filosofia e etnologia. Além de desenvolverem a psicossociologia, possibilitaram a articulação entre diferentes áreas de conhecimento.

<sup>4</sup> A sociologia clínica é uma importante vertente da psicossociologia. Segundo Gaulejac (2001), pesquisador eminente dessa área, a sociologia clínica diz respeito à abrangência do campo psicossociológico e a diversidade que se abre. Não se trata de uma oposição, mas de propelir rumo ao campo da sociologia as prerrogativas psicossociológicas. Essa filiação da sociologia clínica é reconhecida desde 1950.

origens situam-se nos anos 1930. Nela há uma estreita vinculação entre pesquisa e intervenção. Sua marca é a transdisciplinaridade que a situa em permanente diálogo com áreas de conhecimento e na multiplicidade de temas, campos e intervenções sobre os quais se desdobra.

A produção recente tem se referido a uma perspectiva clínica nas vertentes sociológica e psicossocial. A psicanálise é uma de suas teorias inspiradoras, mas não se restringe a ela e se apropria de outras áreas teóricas e de conceitos advindos de distintos campos disciplinares. Disciplina de fronteira, porque a sua dimensão plural possibilita visões estendidas no âmbito teórico e interventivo. Não é a toa que a ela se aplica o termo “disciplina *charneira* ou *em movimento*”, como tão bem define Barus-Michel et al. (2005, p. IX. Itálicos do autor).

Dos termos provenientes da junção entre psicologia e sociologia, psicossociologia significa recusar a clivagem, a separação e apartamento entre psíquico e social. Essa fragmentação e disjunção são concebidas como algo que não apenas reduz a compreensão do fenômeno e do objeto, mas se torna também passível de manipulação e falseamento da realidade.

Dessa postura teórica, desdobra-se uma ética e uma política, diferente daquelas que optam por explicações tecidas em dois polos antagônicos. Nestes, vê-se, de um lado, a unideterminação da estrutura do modo de produção que engole o indivíduo e a ele não confere chances de escapes, e do outro polo, o da unideterminação do indivíduo poderoso que se basta e depende unicamente de si para transformar a realidade. Vemos um imperativo sociológico e econômico no primeiro polo e no segundo o psíquico, calcado em um individualismo onipotente.

Pelo fato da psicossociologia articular estas pontas pelo trânsito dialético, essa situação sofre uma torção gerando outros parâmetros de análise e intervenção. A propósito disto, Gaulejac (2001, p. 39) afirma que:

Assim, torna-se essencial fazermos a distinção entre os determinismos socioeconômicos e suas consequências psicológicas. Ao quisermos responder, no plano psicológico, a problemas de gênese social, corremos o risco de aprisionarmos os indivíduos na impotência e culpabilidade. Mas, inversamente, ao esquecermos os efeitos psíquicos das situações sociais e econômicas, deixamos de compreender por que e como os indivíduos se mobilizam ou se desmobilizam para produzir a sociedade.

Podemos verificar essa afirmativa no que Pagès (2001, p. 258) denomina como “ensinamentos sobre uma metodologia de ação da mudança”. Ao circunstanciar o

fazer psicossociológico, o fundamenta em uma perspectiva dialética e complexa, de maneira a reconhecer os limites dessas áreas, caso elas fossem utilizadas separadamente. Isto é, a psicologia sozinha não poderia alavancar a transformação social. De modo similar, a sociologia não faria o mesmo. É preciso que estas instâncias se encontrem e reconheçam as reverberações sociais no psíquico e o psíquico no social. Elementos interligados que se manifestam um no outro.

Isso se articula diretamente com a especificidade do objeto psicossociológico. Conforme Barus-Michel et al. (2005, p. IX. Itálicos do autor), ela está centrada “na análise das *relações indivíduo/sociedade, em situações em que as dimensões psíquicas e sociais estão estreitamente intrincadas*”. Nessa visão, volta-se para o estudo de grupos, organizações e instituições. Considera as condutas concretas individuais e também se interessa pelo estudo de grupos e comunidades de modo a vislumbrar a vida cotidiana nelas expressas. É buscar a ligadura entre o geral e o particular, o abstrato e o concreto, o subjetivo e o social. Apreendemos o objeto ao analisar os elementos que o atravessam, como se (des)encontram a fim de tanger seus meandros, reciprocidades e tensões, bem como suas correspondências e dissonâncias.

Com isso, seja no estudo, na pesquisa e/ou na intervenção, há um objeto de caráter dinâmico e multifacetado que comporta singularidade sem desgarrar-se do contexto global. Nas palavras de Carreteiro e Barros (2011, p. 209-210) esse objeto

(...) não é estático e uno. Ele é sempre tributário dos atores envolvidos, do campo pulsional, dos grupos, das instituições, do momento socio-histórico, das condições políticas, entre outras. O conjunto dessas dimensões tem impacto sobre o objeto. Assim, qualquer objeto só pode ser compreendido se considerado em sua complexidade, ou seja, na multiplicidade de dimensões que participam de sua composição em determinado momento.

Por ser multifacetado, o objeto se constrói nas interfaces disciplinares. Logo, acessá-lo dentro de uma perspectiva plural é um imperativo.

Falar do objeto nos faz encaminhar para a concepção de sujeito. O sujeito é compreendido em situação social concreta. Ancorado no quadro da vida cotidiana. Está fundado em uma dupla constituição: (i) registro psíquico singular, é o sujeito do inconsciente; (ii) registro social, é o sujeito inscrito e situado no mundo que está em contexto. É também o sujeito criador da história, como afirma Enriquez (1999).

Para acessá-lo importa sua conjuntura, historicidade, cultura e âmbito sociopolítico – sem ignorar, excluir e subjugar sua subjetividade, prazer e sofrimento.

Não há incompatibilidade entre inconsciente e sociedade. Embora de estatutos distintos, vinculam-se e coproduzem-se. O psicossociólogo entende o sujeito como ativo, produtor de sentido e de ações que caracterizam sua existência e matiza o vivido.

O sujeito é social. Por isso a *démarche* da psicossociologia não deve negligenciar as dimensões sociais e subjetivas que constituem tanto sujeito quanto objeto. Dessa forma, a despeito do sofrimento, para ser compreendido, não pode ser visto como algo solipsista, posto que possui distintas formas de manifestação. Além de ser vivenciado subjetivamente também está enraizado no social, econômico, político e cultural.

É também o sujeito em situação, por não se encontrar apartado do individual e do coletivo, do afetivo e do institucional, dos processos que são inconscientes, mas também sociais. Isso implica uma trama inconsútil entre indivíduo e sociedade. O campo de análise e intervenção é o “entre” que vincula o social (habitado pelas dimensões subjetivas, afetivas e inconscientes) e o psíquico (habitado pelas dimensões culturais, discursivas, sociais, históricas e políticas). Essa vinculação proposta por Gaulejac (2001, p. 37) é observável da seguinte maneira:

(...) ao mesmo tempo que se trata de introduzir um questionamento mais fenomenológico sobre “o sujeito” e a sua historicidade, isto é, sobre as capacidades e as resistências que conduzem os indivíduos e os grupos a produzirem a sua história, a quererem mudar o mundo e a operarem mudanças neles próprios.

Verificamos essa indissociabilidade pelo pressuposto da multideterminação que caracteriza o sujeito e seu objeto. Estes são produtos de uma história complexa, em dimensão macro e micro da realidade social que remete à sua existência singular. Determinações não equivalentes, tampouco dissociáveis, como aponta Gaulejac (2001). O substrato fundante do sujeito singular e de sua subjetividade está inscrito em uma época, lugar, cultura, classe social, em grupos e instituições – o que o faz sujeito social também pode determinar a história.

Como visto, o *corpus* dessa disciplina assume-se justamente na busca de uma coerência interna baseada na pluralidade teórica que o constitui. Por isso a transdisciplinaridade faz-se não somente um requisito, mas constitui um caráter intrínseco por ser o meio de tanger a complexidade do objeto. Isso não significa transposição e sobreposição de campos de saber, mas encontrar os pontos “charneiros” para efetivar o diálogo não ignorando as diferenças, mas usufruir dessas naquilo em que

se fazem dialogáveis para encontrar o objeto que a um só tempo é complexo, multifacetado e multidimensional.

Como nos conduz Sévigny (2001), a abordagem clínica e psicossociológica, em sua complexidade, é demanda da própria realidade, por isso a noção de transdisciplinaridade por si só é uma indisciplina e traz em si o confronto com a ordem estanque da produção de conhecimento.

#### **4. Dos fios tecidos vêm o convite para a continuidade da tessitura**

A psicossociologia, ao buscar os vínculos entre indivíduo-sociedade, privilegia os meios intermediários do *socius*, como os grupos de pertencimento, por ser uma porta aberta para a investigação macro e microscópica. Desse modo, consideramos profícuo atentar para a relação e significação que os sujeitos tecem acerca de sua família e de seu trabalho, de seu entorno social como a vizinhança, profissão e grupos diversos que lhes são referência. Aqui estão as charneiras que vinculam indivíduo e sociedade que perfazem no cotidiano.

Logo, a potência do fazer narrativo além de ressignificar o mundo em termos de dimensão temporal e da ação possibilita que o narrador afigure a sua importância ao trazer algo diante do não-saber do pesquisador e do limite de seu olhar. Onde os conceitos não podem mais traduzir a experiência vivida e nomear o real a narrativa assume um *locus* privilegiado na pesquisa por poder alcançar esse status e expressar outros contornos, a saber, ético, estético e político. Dito de outra maneira, como Santos afirma (2006), pleiteamos que a transformação profunda nos modos de conhecer deve desembocar em uma transformação nos modos de organizar a sociedade, de se viver e forjar processos de subjetivação.

Nesses termos, fundamentos da hermenêutica de Ricoeur (2010), Gadamer (2012) e autores afins possibilitaram a construção de um trabalho interpretativo e compreensivo não apenas em relação ao material narrativo oriundo das entrevistas-narrativas, mas também respaldou o percurso científico em termos ontológicos e epistêmicos acerca da relação pesquisador-pesquisado, intérprete-interpretado. Foram elementos teóricos dialogáveis entre a psicossociologia e a hermenêutica que forneceram meios e termos para avançar na investigação sem operar dicotomias, mas

trabalhar com mediações e inter-relações que engendram a existência humana e histórica, onde a narrativa ocupa um lugar primordial.

Reconhece-se através da hermenêutica e da psicossociologia a historicidade da experiência humana. Ricoeur (2008b) instiga-nos a compreender a narrativa como elemento capaz de ressignificar a experiência humana por meio do recontar a história vivida a fim de colocarmos em exame a existência do outro e de nós mesmos. Isso nos leva a explorar de modo mais aprofundado, nesse tripé metodológico, a historicidade da experiência humana e seus processos de subjetivação.

Parafraseando Sévigny (2001), o social encontra-se em toda parte, assim como a subjetividade. Pelo fato do sujeito estar em interação, é indispensável operar nos níveis da ação social e da subjetividade que se efetivam no âmbito individual, organizacional e institucional. Ao nos propormos a compreender os (des)encontros entre trabalho e família não basta se debruçar sobre o sujeito ou o labor. É preciso verificar como estes se coproduzem, como as relações entre essas dimensões tensionam-se e quais são os seus efeitos sociais e subjetivos.

Trata-se de avistar os lugares de produção e reprodução. Buscar encontrar as relações de interdependência entre o espaço social e o econômico (o de trabalho e o da família dos barrageiros) para colocar em evidência as eventuais contradições, seus hiatos e ambiguidades. Diante da necessidade de mudarem de cidades, fruto da migração laboral e das relações contemporâneas de trabalho, pretendemos compreender as trajetórias existenciais que se constituíram entre empresas, profissões, relações familiares e territórios de vida.

Assim, verificaremos como a moldura temporal do capital, voltada para a produção, toma conta da moldura territorial e existencial que abarca o mundo social e dos afetos, o quadro de vida que Santos (2002) nos ensina. Poder saber como são delineados, na monocultura capitalista, sofrimentos, prazeres, morte e vida condizentes e discordantes dessas lógicas.

Nesse caminho, são as histórias vividas de trabalhadores e familiares de barrageiros que se busca conhecer ao convidá-los a produzir uma narrativa sobre esse tema. Ao vislumbrar suas experiências narradas adentramos nas histórias (ainda) não contadas a fim de coletar frações de histórias de uma vida acerca do trabalho dessa categoria profissional e seus desdobramentos sobre a família na contemporaneidade.



Conhecer, nas interfaces dessas duas grandes instituições, como se delineiam existências e seus modos de ser-trabalhar-viver<sup>5</sup>.

Nesse percurso pudemos expor os elementos teórico-conceituais que compareceram em nossa leitura psicossociológica e pudemos situá-las de modo breve. Sua vinculação com a hermenêutica e a narrativa faz-se fecunda, pois ambas optaram por trilhar uma produção de conhecimento fazendo jus às vozes de seu objeto, além de estarem abertas a um constante diálogo.

Constata-se uma discussão seminal a ser realizada e fomentada entre os fundamentos hermenêuticos e o campo da psicologia, visto serem caminhos promissores para acessar de modo privilegiado a subjetividade e a “imbricação viva” das histórias vividas uma nas outras – nas histórias contadas nas quais emergem o sujeito implicado, como diz Ricoeur (2010) – mas também o sujeito social dotado de subjetividade e integrado em instituições, organizações e grupos, como fala a psicossociologia francesa.

### **Referências bibliográficas:**

- ARAÚJO, José Newton Garcia de; CARRETEIRO, Teresa Cristina (Orgs.) **Cenários sociais e abordagem clínica**. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001.
- BARROS, Vanessa Andrade; SILVA, Lílian Rocha da. A pesquisa em história de vida. In: GOULART, Íris Barbosa (Org.). **Psicologia Organizacional e do trabalho: teoria e pesquisa e temas correlatos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- BARUS-MICHEL, Jacqueline et al. **Dicionário de Psicossociologia**. Lisboa: CLIMEPSI, 2005.
- BATISTA, Anália S., CODO, Wanderley. O trabalho e o tempo. In: CODO, Wanderley; JACQUES, Maria da Graça Côrrea. (Orgs.). **Saúde mental & trabalho: leituras**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

---

<sup>5</sup> Essa expressão, originariamente, é utilizada por Batista e Codo (2007) ao debaterem as novas lógicas de trabalho e tempo que geram distintos processos de subjetivação.

- CARRETEIRO, Teresa Cristina; BARROS, Vanessa Andrade de Barros. Clínicas do trabalho: contribuições da psicossociologia no Brasil. In: BENDASSOLLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis Andrea (Orgs.). **Clínicas do trabalho. Novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, 2011.
- CASTRO, Manoel Antônio de. Poética e poiesis: a questão da interpretação. Concurso para professor titular de poética do departamento de ciência e literatura da faculdade de letras da UFRJ. Junho de 1998. Disponível em: <acd.ufrj.br/~travessiapoetic/livros/livro4.doc>. Acesso em: março de 2013.
- DUARTE, Daniele A. A migração laboral de trabalhadores do setor de produção de energia hidrelétrica: a vivência subjetiva e as suas relações com o mundo do trabalho contemporâneo. In: HASHIMOTO, F. (Org.). **Psicologia e Trabalho: desafios e perspectivas**. Assis: FCL Assis UNESP Publicações, 2010.
- \_\_\_\_\_. DUARTE, Daniele A. (Des)encontros trabalho-família: narrativas de familiares de trabalhadores migrantes do setor de produção de energia hidrelétrica. 2014. 304 f. Tese (Doutorado em Psicologia). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2014.
- ENRIQUEZ, Eugène. **Da horda ao Estado. Psicanálise do vínculo social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GAULEJAC, Vincent de. Psicossociologia e sociologia clínica. In: ARAÚJO, José Newton Garcia de; CARRETEIRO, Teresa Cristina (Orgs.) **Cenários sociais e abordagem clínica**. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001.
- GUÉRIN, Michel. **O que é uma obra?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- MACHADO, Marília Novaes da Mata et al. Prefácio à segunda edição. In: LÉVY, André et al. **Psicossociologia: análise social e intervenção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- PAGÈS, Max. O sistema sociomental hospitalar. ARAÚJO, José Newton Garcia de; CARRETEIRO, Teresa Cristina (Orgs.) **Cenários sociais e abordagem clínica**. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001.
- RICOEUR, Paul. **Hermenêutica e ideologias**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008a.
- \_\_\_\_\_. La vie: un récit en quête de narrateur. In: \_\_\_\_\_. **Écrits et conférences 1. Autour de la psychanalyse**. Éditions du Seuil, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Tempo e narrativa**. Tomo I. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SILVEIRA, Maria Laura.  
(Org.) **Território: globalização e fragmentação**. 5. ed. São Paulo: Hucitec;  
Annablume; ANPUR, 2002.

SÉVIGNY, Robert. Abordagem clínica nas ciências humanas. In: ARAÚJO, José  
Newton Garcia de; CARRETEIRO, Teresa Cristina (Orgs.) **Cenários sociais e  
abordagem clínica**. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2001.

VILLELA-PETIT, Maria da Penha. Perspectiva ética e busca do sentido em Paul  
Ricoeur. In: **Síntese** – Rev. de Filosofia, v. 34, n. 108, 2007, p. 5-22.